

SAMUEL PIMENTA

OS
NÚMEROS
QUE
VENCERAM
OS
NOMES

MARCADOR

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Os Números que Venceram os Nomes*
Autor: Samuel Pimenta
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Marina Costa / Marcador Editora
Imagens de capa: © Shutterstock
Fotografia do autor: Pau Storch – magma.pt
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-176-6
Depósito legal: 397 241/15

1.^a edição: Setembro de 2015

Ao Alma Dá

«Ó homem, conhece-te a ti mesmo
e conhecerás os deuses e o universo.»

inscrição no Oráculo de Delfos atribuída aos Sete Sábios

Capítulo 1

A roda do hamster chiava todas as noites. O rato passava os dias a dormir e era à noite que saía do ninho improvisado, uma casa de plástico com algodão dentro, para calcorrear todos os recantos da gaiola onde vivia. Parecia que nunca estivera tão vivo como nas horas em que deixava o calor do ninho para enfrentar o mundo exterior. O corpo electrizava-se. De perto, era fácil ver que lhe tremiam as patas e os bigodes, como se estivesse nervoso, nervoso por poder viver mais um dia. Além de roer as sementes do comedouro sofregamente, armazenando-as nas bochechas

que inchavam, pendurava-se nas grades da gaiola e, algumas vezes, inspeccionava a porta por onde era hábito ver entrar e sair a mão que lhe trazia comida. Ainda assim, tinha como actividade nocturna prioritária fazer girar a roda amarela. Subia para o plástico semitransparente e corria durante toda a noite, como se tivesse pressa. Ninguém sabia para onde ia, onde queria chegar ou se queria chegar a lugar algum. A roda girava e o rato corria como se não obedecesse a outro propósito. Correr para não chegar nunca. O homem que o observava nunca vira uma criatura que se movesse tanto sem sair do mesmo lugar. Talvez haja criatura parecida, pensou. Eram tantos os humanos que corriam dentro das suas gaiolas estáticas sobre as bancadas de uma qualquer sala de estar.

A gaiola do hamster estava no que parecia ser uma sala de convívio de uma casa de repouso. O homem permanecia sentado no único sofá ao lado da gaiola. Era de noite e era a única pessoa acordada. Fumava um cigarro enquanto fitava a roda giratória que chiava, o fumo contorcia-se no ar e desaparecia. Via-a a girar, a chiar, a girar, a chiar, a girar, a chiar. O cheiro do cigarro a empestar a sala. Se alguma das enfermeiras o visse a fumar ali, certamente seria repreendido, ou talvez dissessem ao médico que aumentasse a dose da

medicação. Parecia ouvir-lhes as frases enfáticas articuladas de forma grave dizendo o doente Um Nove Um Seis isola-se muito, fica de olhar parado, tem insónias, não tem bom ar. E depois fica de olhos postos no rato, às vezes fala com ele. E continua a murmurar sozinho. Aumente-lhe a dose, doutor, é melhor. Podiam dizer isso, podiam apenas pedir-lhe que fumasse à janela para o fumo não devorar o ar da sala, podiam ignorá-lo por completo. Tudo dependeria do dia, da hora, do milésimo de segundo em que o vissem ali. Afinal, tudo o que acontece respeita um tempo preciso e, por isso, se torna único, imutável e irrepetível.

O cigarro despenhou-se sobre o cinzeiro e ali morreu. O hamster suspendeu a corrida na roda e fitou o homem que lhe fazia companhia, erguendo o nariz para o cheirar. O homem olhou-o também, fixou-lhe a pequena marca vermelha, redonda, entre os olhos. Ficaram assim por breves instantes, a parca luz de um candeeiro a iluminá-los. O doente Um Nove Um Seis não estava sentado na sala de convívio de uma casa de repouso, mas de um hospício. Estava internado havia três meses.

Operadora nacional de comunicações, boa tarde, fala Um Nove Um Seis, em que posso ajudar, disse o homem à pessoa que estava do outro lado da chamada.

Era um dos muitos cumprimentos padronizados do call center onde trabalhava. Variava o número do operador que atendia a chamada, a ordem das palavras e a saudação que indicava se era dia, tarde ou noite. Um Nove Um Seis passava por todas as fases do dia, trabalhava por turnos.

A voz do outro lado da chamada anunciou, estou a ligar por causa do vosso tarifário novo, o número dezoito, gostava de o activar, e Um Nove Um Seis afirmou, preciso do seu número de conta. Estava a falar com uma mulher, que lhe confessou não saber o número de conta de cor. Dê-me o seu número de identificação, por favor. Um Cinco Um. Obrigado, agradeceu Um Nove Um Seis, aguarde um momento, por favor. Ficou em silêncio e depois perguntou, mora na rua número cento e dezasseis da cidade número um, correcto. A mulher confirmou. Sim, na casa número vinte e três.

Primeiro os números, sempre os números. Um Pedro era de menor importância que Cinco Três Um Zero e uma Filipa nunca valeria tanto como Nove Dois Seis. Os nomes são uma babel de significados, assumem conotações tão diversas e são criadores de desordem. Os números organizam, um dois é um dois, não há dúvidas, mas sempre que se pronuncia

Joana ou Guilherme, está-se a evocar uma infinidade de incertezas, de outros sentidos e identificações. Pode ser homem, mas será mais alto ou mais baixo, terá olhos redondos ou rasgados? E a cor do cabelo? É divertido ou sisudo? É mentiroso? Quem é na realidade? Os nomes questionam, são terreno instável, flexível, mutável. Os números são rígidos, estáticos, definidores por natureza. Por isso se escolhem os números para despersonalizar, coisificar, sintetizar as identidades. Através deles, o heterogéneo torna-se homogéneo, o múltiplo torna-se linear, já que tudo o que existe e é palpável se pode numerar, quantificar. Por essa razão se suprimem os nomes do mundo, pois são os nomes que diferenciam um António de uma Inês, são os nomes que asseguram uma identidade, um rosto. Os poderes instalados sabem-no. Os poderes instalados aplicam-no. E muito se surpreenderam quando a ideia mais abstracta que conheciam se tornou, também ela, numerável.

A ideia de Deus.

A notícia foi destaque em todos os jornais do mundo. Descoberta a equação que prova a existência de Deus. Estamos perante a maior revelação de todos os tempos, diziam alguns cientistas nas televisões. A civilização não será a mesma depois disto, diziam

outros cientistas em outras televisões. Os governos mundiais logo se apressaram a reunir-se, a realizar cimeiras internacionais para discutir o assunto. Queriam compreender. Queriam saber o que viria depois. Os cientistas implicados na descoberta explicaram-lhes que a fórmula matemática continha a identidade de Deus, que era a prova irrefutável de que Deus existia. Perante a evidência, os governos não tiveram alternativa além de se envolverem no projecto da equação de Deus. Jornalistas em frenesim anunciavam diariamente novos investimentos dos governos mundiais no projecto, novas pesquisas em curso, novas descobertas. E a ideia de uma nova ordem mundial.

No início, quando governos e cientistas apresentaram o projecto pela primeira vez, foram muitas as vozes que se opuseram. Os jornais ainda fizeram primeiras páginas e abriram noticiários televisivos com elas, não somos gado que se pode marcar, diziam, em letras gordas. Assim começam os extermínios civilizacionais, afirmavam, aos gritos, em manifestações. Governos e cientistas propunham uma sociedade mundial organizada em função da equação descoberta, em que os números substituíssem os nomes, de forma a universalizar a identidade numérica e mensurável de Deus. Todas as religiões do mundo se

opuseram. Não tardou muito até serem controladas também. Aos governos agradava-lhes a ideia de uma sociedade sem resistência de qualquer tipo, facilmente dirigida e estruturada. Alegavam que era a melhor forma de solucionar a burocracia, combater a criminalidade, de vigiar, de prevenir, de ter a identidade ordenada de Deus. E assim foram suprimidos todos os nomes, ao longo de quase trezentos anos. Não só os nomes próprios das pessoas, mas também os dos países, das cidades, das ruas, até dos hospitais e das escolas. Agora diziam que iam ao hospital trinta e oito do país quatro, ou que frequentavam a universidade dez do país setenta e seis, curso vinte e cinco. Os que resistiram à imposição do número identitário foram perseguidos, encarcerados, mortos. Os que foram iludidos com a propaganda concebida para os convencer tornaram-se os maiores defensores da ideia de que os nomes deveriam ser extintos em toda a Terra. E assim foi. Tornaram-se a maioria. Tornaram-se a totalidade. Dominaram. A história da humanidade foi alterada, a sociedade organizou-se em torno dos números e, ano após ano, foram-se esquecendo de que, um dia, tinham existido pessoas com nomes. Impuseram-se os números dos cartões, os números das casas, os números dos processos, os números das contas bancárias,

os números das cidades, os números das estradas, os números das estatísticas, os números que, afinal de contas, eram pessoas. Os humanos deixaram de responder perante um nome próprio, mas perante um número próprio atribuído à nascença. Único e intransmissível. A partir desse número identitário, organizavam-se páginas e páginas de documentos informáticos com o historial de vida de cada pessoa. O dia em que nasceu, as idas ao médico, o curso que tirara, os depósitos e os levantamentos de dinheiro que fazia, as compras ao fim-de-semana, o posto de trabalho, os locais que frequentava. Tudo. O controlo da humanidade imposto pela numeração.

O homem com cachos de cabelo aos caracóis, castanhos e brilhantes como a casca das avelãs, de olhar embaciado e preso no ecrã do computador, com a vida dos olhos cor de mel adormecida, pêlos escuros na cara, nos braços e nas mãos a riscarem-lhe a palidez, recebera o número próprio Um Nove Um Seis no dia em que nasceu. Soou um apito no auricular que usava nos ouvidos. Era outra chamada para atender.

Operadora nacional de comunicações, boa tarde, fala Um Nove Um Seis, em que posso ajudar, disse ele à pessoa do outro lado da linha telefónica. Em resposta, ouviu a voz de um homem a dizer-lhe bom dia,

que era o Um Seis Um Cinco e queria desactivar a conta número quatrocentos e oitenta e dois. Calmamente, Um Nove Um Seis declarou, vou passar-lhe a chamada, ligou para o número errado. Mal passou a chamada, interrompeu a linha e saiu para fumar. Dez minutos, Um Nove Um Seis, tens dez minutos de pausa, recordou o chefe num tom áspero. Um Nove Um Seis sabia e não tencionava exceder o tempo permitido, não queria sofrer nenhuma penalização no salário por minutos a menos de trabalho. Afinal, depois de os números terem dominado o mundo, o dinheiro tornara-se na principal aspiração de todas as pessoas. Bastava ler os jornais e ver os níveis de investimento nas bolsas, as percentagens de lucro dos centros comerciais, o volume de levantamentos e de depósitos nos bancos. Claro que nem todas as pessoas podiam gastar o mesmo, o sistema de classes mantinha-se e aprimorara-se ainda mais desde que os nomes tinham sido substituídos pelos números. E era pouco importante que os números apresentados num qualquer ecrã, referentes ao saldo da conta bancária, fossem fictícios, concebidos para que as pessoas acreditassem que aquele número equivalia, precisamente, ao número de moedas que podiam ter na carteira. Não era relevante. Quantas realidades assentam na crença de

uma ilusão? Era crucial, sim, que todos acreditassem que a sociedade se estratificava em pirâmide, que no topo dominavam os mais ricos e, por isso, merecedores de ocupar os lugares de poder. Na base, obedeciam os mais pobres. As pessoas aceitavam sem questionar, acreditavam que era assim desde o início.

Um Nove Um Seis saiu da grande sala branca com cinquenta secretárias, brancas também, cujas luzes fluorescentes se mantinham acesas durante todo o dia, ou não fosse parca a luz que entrava pelas pequenas janelas quadradas que rompiam as paredes. Em cada uma das secretárias, sentavam-se quatro operadores telefônicos. O ar saturado pela respiração de mais de duzentas pessoas, a luz artificial que enfraquecia os olhos e a cacofonia constante, de onde irrompiam mais claramente, por vezes, certos números de morada, de identificação ou de telefone, criavam um ambiente insuportável para Um Nove Um Seis. Eram as pausas, e o ar fresco que ia respirar à rua enquanto fumava, que lhe mantinham a mente sã.

O homem acordou em sobressalto. Sacudiu a cabeça e perdeu as últimas memórias do sonho que o despertara. O dia já deslizava sobre as paredes da sala de convívio. Um Nove Um Seis deixara-se adormecer no sofá ao som do chiar da roda do hamster, que, após

ter corrido durante toda a noite, dormia agora no calor do seu ninho de algodão. Estava sozinho na sala. Olhou o relógio redondo, pendurado na parede. Ainda era cedo, passava pouco das sete da manhã. Não tinha a certeza se alguma enfermeira o vira ali, era provável que sim. Optou por regressar ao seu quarto, tinha a certeza de que no quarto não o iriam repreender. Atravessou dois corredores. Durante o percurso, cruzou-se com uma mulher de cabelos brancos a falar sozinha numa janela, a quem disse bom dia sem obter resposta, e dois homens a conversar sobre as notícias enquanto fumavam, também à janela, um pouco mais afastados da mulher que falava sozinha. Bom dia, disseram eles. Entrou no quarto número quarenta e cinco.

Era um quarto de paredes brancas, duas camas, uma casa de banho à entrada e janelas largas. Um Nove Um Seis entrou e deitou-se na cama mais afastada da janela, já que a outra estava ocupada. Um velho, barba e cabelo brancos, pele negra, cujo corpo robusto se destacava da cama, dormia tranquilamente. Na mesa-de-cabeceira, os óculos denunciavam que já começara a perder a visão, um livro revelava que gostava de ler e uma jarra com flores frescas anunciava que, além de possivelmente receber visitas frequentes, era

um homem apreciador das coisas subtis. Na realidade, fora ele quem colhera as flores nos jardins do hospital, não tinha recebido uma única visita desde que fora internado naquele lugar.

O velho, mais conhecido por doente Um Quatro Um Seis entre as enfermeiras, mudara-se para o quarto quarenta e cinco havia uma semana, pouco tempo depois de Um Nove Um Seis também se ter mudado para lá.

Quando fora internado, Um Nove Um Seis ficara no piso de baixo, no quarto número onze, completamente sozinho. O quarto onze era um dos muitos quartos dos pisos inferiores que serviam para controlar os ataques dos doentes recém-chegados. Depois de lhe terem dado um cocktail de medicamentos, como lhe chamavam os médicos, uma mistura de antipsicóticos e ansiolíticos, que o deixaram a dormir por um dia e atordoado nas duas semanas seguintes, Um Nove Um Seis, ao fim de um mês de internamento, deixou o quarto onze e subiu para o quarto vinte e quatro, onde tinha como colega uma mulher em estado catatônico. Passava os dias e as noites de olhos arregalados, pregados ao tecto. Não se levantava, alimentavam-na por uma sonda e não emitia um único som. Acabou por morrer. Um dia ele acordara e a mulher já não

estava lá, devia ter morrido durante a noite. Um Nove Um Seis ficou algum tempo sozinho no quarto vinte e quatro até ao dia em que o mudaram para o quarenta e cinco. Teve como colega um homem da sua idade, cerca de trinta anos, esquizofrénico. Conversavam pouco, Um Nove Um Seis não falava muito desde que dera entrada no hospício. O homem, por ter respondido bem à nova medicação, acabou por ter alta hospitalar e Um Nove Um Seis voltou a ficar sozinho. Nesse dia, invejou-o. Horas depois, no momento em que lhe vinha dar a dose diária dos antipsicóticos em comprimido, uma enfermeira disse-lhe que iria ter um novo colega de quarto. É o paciente que está no hospital há mais tempo, revelava ela, vive cá há doze anos, se não me engano. Eu ainda nem trabalhava aqui, não sei precisar o tempo correcto. Mas que é o mais antigo, é. Não se preocupe, ele é calminho, fala pouco e não tem um surto há muito tempo, mas continua a ouvir vozes. E ali estava ele, Um Quatro Um Seis, o velho que agora dormia na cama do lado. Mudara-se havia uma semana e tinham falado muito pouco. Um Quatro Um Seis era semelhante a Um Nove Um Seis nesse aspecto, ambos não gostavam de interagir. Um Nove Um Seis estava internado havia três meses por ouvir vozes, mas também por ver coisas das quais

ainda tinha medo de falar. Falar do que via e ouvia levava-o até ali. Psicose, delírios e alucinações eram os nomes usados pelos médicos e enfermeiras quando se referiam ao seu estado. Preferia ficar calado.

O único armário que existia no quarto escancarou as portas. Um Nove Um Seis tirou uma almofada, fechou o armário com todo o cuidado e, procurando fazer o mínimo de ruído possível, subiu para a cama. Assim que fechou os olhos e aconchegou os lençóis contra o corpo, o cheiro do detergente a amaciar-lhe as narinas, uma voz grave e rouca soou pelo quarto. Inicialmente, temeu que fosse um novo ataque, não ouvia vozes nem tinha alucinações desde o primeiro mês de internamento. Não demorou muito tempo a perceber que se enganara. Passaste a noite fora, rapaz, perguntou. Era o velho. Afinal não dormia, fingia apenas. Um Nove Um Seis virou-se na direção dele e percebeu que se mantinha de olhos fechados. Respondeu, meio a medo, com um não, não, deixei-me adormecer na sala. O velho suspirou, disfarçando um sorriso. Estiveste outra vez a conversar com o Treze, disse ele. Treze era o número identitário do hamster. Sim, confirmou Um Nove Um Seis. O velho ficou em silêncio por alguns segundos, depois avisou-o, se elas te vêm outra vez a falar sozinho, aumentam-te a dose,

ouvi-as a conversar entre elas. Mas falar com um rato é diferente de falar sozinho, argumentou Um Nove Um Seis, podemos falar com os animais, há tanta gente que o faz sem ser maluca. Não aqui, rapaz, não aqui.

O velho virou-se para o outro lado, o que indicava que a conversa terminara. Um Nove Um Seis procurou ignorá-lo e não pensar muito sobre o que acabara de ouvir, ficar agitado naquele momento tirar-lhe-ia a hipótese de mais umas horas de sono. Virou-se também. Voltou a aconchegar-se na cama, fechou os olhos e aninhou a cara na almofada, de novo o cheiro a detergente. As palavras do velho a ecoar na cabeça. Aumentam-te a dose, ouvi-as a conversar entre elas. Sentiu as batidas do coração no ouvido. Quetum-tum quetum-tum quetum-tum. Ainda as palavras do velho. Aumentam-te a dose, aumentam-te a dose. Inspirou. Expirou. As batidas do coração, as palavras do velho, as batidas, as palavras, quetum-tum, quetum-tum. Inspirou outra vez. Expirou. Ouviu melhor. As palavras já não ecoavam, as batidas serenavam, serenavam, serenavam. Quetum-tum. Ador-meceu.

Capítulo 2

O cinzeiro onde Um Nove Um Seis apagou o cigarro era um cilindro branco, fétido, com a tinta a descascar e um recipiente no topo onde as beatas se contorciam, esmagadas. O cinzeiro fora colocado nas escadas de incêndio para que os operadores não atirassem os cigarros para o chão sempre que iam para ali fumar.

O prédio da operadora nacional de comunicações era um edifício cinzento, cuja cor estava oprimida pela poluição. Não era a estrutura mais alta do centro da cidade, mas integrava a categoria dos arranha-céus.

O mais alto, que Um Nove Um Seis via das escadas de incêndio, era um prédio hexagonal de aço e vidro, que espelhava o sol durante a maior parte do dia. Era a sede do governo e de todos os ministérios, dos principais tribunais e do parlamento. Via-se de qualquer ponto da cidade.

As ruas começavam a escurecer, anoitecia. Os arranha-céus vizinhos iluminavam-se com rasgos de luzes amarelas ou brancas, outros com néons berrantes, que agrediam os olhos mais sensíveis. Um Nove Um Seis inspirou o ar frio da noite, os pulmões a gelarem-lhe no peito. Tinha uma ligeira dor de cabeça que durava há quase um mês. Atribuía-a ao cansaço e às noites mal dormidas, povoadas de sonhos repetitivos e de bips nos ouvidos. Talvez devesse ir ao médico. Talvez fosse no dia seguinte, talvez no outro. Expirou, o vapor de água a sair-lhe da boca como uma nuvem. Não pôde ficar na rua o tempo que gostaria, estava prestes a completar os dez minutos de pausa a que tinha direito.

Quando se sentou à secretária, o cronómetro que indicava o tempo de interrupção da linha telefónica marcava dez minutos. Retirou a linha do modo espera e logo recebeu a primeira chamada. Atendeu. Operadora nacional de comunicações, boa tarde, fala Um

Nove Um Seis, em que posso ajudar. Boa tarde, sou Quatro Um Nove Nove Seis, quero activar o tarifário número dezoito, o novo que vocês têm. Um Nove Um Seis activou tarifários novos, transferiu pessoas que ligavam para a sua linha por engano, esclareceu dúvidas, actualizou dados, vendeu alguns produtos. A operadora nacional de comunicações pressionava todos os operadores telefónicos a empenharem-se nas vendas. Afinal, eram as vendas que faziam com que houvesse lucro e era o lucro que garantia postos de trabalho. Além das vendas, a operadora nacional de comunicações controlava também o número de chamadas atendidas por hora, assim como as pausas dos funcionários. Conjugados os três critérios, as chefias tinham as condições ideais para eleger todos os meses três operadores de destaque. Claro que jamais seria seleccionado um operador que fizesse mais pausas do que as que estavam estipuladas contratualmente ou que ultrapassava os dez minutos de paragem a que tinha direito. Também jamais seria seleccionado um operador que fosse demasiado lento em cada chamada, mesmo que fosse o mais gentil e o que prestava mais atenção aos clientes. Entendam que estão à frente de linhas de montagem, diziam-lhes nas sessões de formação. Sejam rápidos, eficientes

e dêem lucro à empresa. E acima de tudo, não questionem.

Quando Um Nove Um Seis cruzou a porta de saída do prédio da operadora nacional de comunicações, a noite já tomara a cidade por completo com as suas sombras, que a tecnologia humana se esforçava por iluminar das formas mais surpreendentes, fosse através de candeeiros de rua, publicidade, faróis dos automóveis ou luzes das janelas dos prédios. Procuramos iluminar o mundo desde que vimos o fogo pela primeira vez. Aprendemos a manipulá-lo, apreendemo-lo como nosso. Primeiro iluminámos as cavernas, esses lugares iniciais e rudes de onde se foi construindo a civilização, depois os caminhos, as povoações, o mundo, dando continuidade ao mítico confronto entre a luz e a treva, nutrindo-o, acreditando nele. Lidamos com as sombras com medo, pois são elas que nos obrigam a olhar o mau e o impuro. Mas é mais do que isso. Talvez as queiramos iluminar tão obsessivamente por nos confrontarem com a cegueira em que fomos induzidos, por nos forçarem a tentar ver melhor, a olhar através de dentro. Talvez por isso se iluminem as sombras desde que o núcleo inicial, o zero, se separou em luz e treva, por medo, por medo de que se tenha um entendimento diferente das coisas.